

Francisco Glycério: a trajetória de um líder republicano

José Sebastião Witter

Ao reabrir-se o Senado, em 4 de maio de 1916, o vice-presidente da República, Urbano Santos, comunicou o falecimento do general Glycério, ocorrido em 12 de abril, durante o recesso parlamentar, e descreveu o último ato lúcido do lutador valente e desprendido: “sempre de coração alegre, sem sombra de despeito ou inveja”.

Assim era esse homem, nas palavras amigas de Urbano Santos, que falava com emoção e carinho.

“Viveu sempre uma vida despida de qualquer luxo ou ostentação, vindo a acabar os seus dias em uma medíocre pensão de ordem secundária. Nessa casa, onde estive para cumprir o dever de acompanhar a transladação do corpo inanimado do velho amigo e companheiro, fui conduzido para aguardar o momento de cerimônia, ao seu gabinete de estudo: e ali, naquela tenda de trabalho, resplendente de modéstia, quase de pobreza, levei algum tempo a pensar sobre a injustiça e as dores íntimas que sofrem os homens públicos na nossa terra, principalmente quando eles, como o senador Francisco Glycério, sofrem os botes da maledicência sem dizer uma palavra, sem proferir uma queixa””.

Francisco Glycério Cerqueira Leite nasceu a 15 de agosto de 1846 em Campinas, cidade em pleno florescimento durante a expansão cafeeira e, por isso mesmo, uma das maiores concentrações da escravidão no país. Durante a infância e mocidade desse político, de origem modesta, o café passou a constituir a maior fonte geradora de riquezas na economia nacional, como principal produto de exportação, ao mesmo tempo em que São Paulo se tornou um polo de atração e núcleo atuante na política do Império. Não será preciso retomar aqui todo o processo das mudanças ocorridas na Segunda metade do século XIX para chegar-se a esta conclusão: a posição de vanguarda assumida pela Província de São Paulo.

Desde 1850, com a extinção do tráfico negreiro, a lei de terras e as principais experiências da utilização da mão-de-obra livre, a desdobrar-se na grande imigração dos anos 80,



além dos reflexos do término da Guerra do Paraguai, em 1870, as leis abolicionistas de 1871 e 1885, e, por fim, a Abolição em 1888, as transformações são evidentes no sentido da

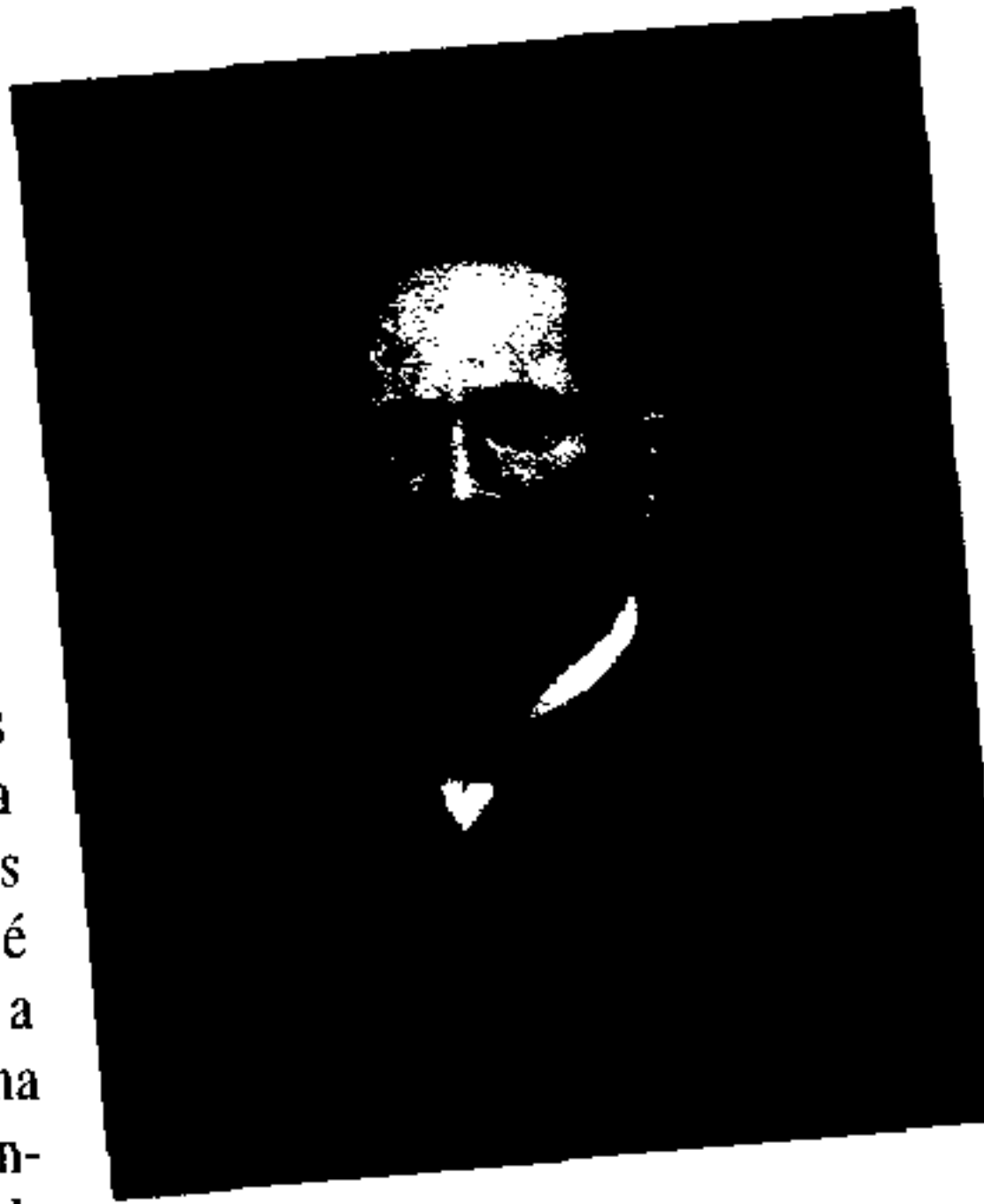
modernização. Esse impulso de desenvolvimento material se concentra na construção das estradas de ferro, em ritmo crescente, sobretudo em São Paulo, para o escoamento das safras de café cada vez mais abundantes na região Oeste¹. E é precisamente com a inauguração da Ituana que se instalou a Convenção Republicana de Itu, em 1873, de onde surgiria o mais forte dos troncos partidários da primeira República: o Partido Republicano Paulista.

O último quartel do século XIX, marcado por tão profundas mutações econômicas e sociais, serviu, assim, de pano de fundo à trajetória do republicano campineiro e de toda a grande geração política dos históricos de São Paulo, como agentes catalisadores dos interesses daquelas forças que pretendiam a derrubada da monarquia e a instauração do regime republicano. As instituições imperiais já não possuíam mais condições para a sua sustentação e continuidade, dentro do contexto histórico em que desabrochava o capitalismo brasileiro, à sombra dos cafezais paulistas.

Mais homem de ação que de pensamento, Francisco Glycério destacou-se pela operosidade e dinamismo ao aglutinar essas forças contraditórias e heterogêneas que se agrupam nesta encruzilhada. Ele foi, sem dúvida, um campeão do espírito de contemporização, hábil manobrista, sempre alerta, versátil e tolerante. Não era um ideólogo, mas uma natureza despida de quaisquer veleidades intelectuais, sempre disposto no seu pragmatismo a todas as combinações, para superar antagonismos aparentemente inconciliáveis, desde que não o afastassem da meta republicana.

É das mais ponderáveis a folha de serviços que deixou como homem prático, embora seja pobre o legado doutrinário, a bem dizer, nulo, em comparação com a de outros chefes republicanos². Ficou, entretanto, a legenda da sua intensa atividade de mais de 40 anos dedicados à política, sempre em posições de comando com um breve hiato (apenas três anos) em que amargou na adversidade, após o desparecimento do Partido Republicano Federal, em 1889, quando não foi reconhecido deputado federal.

Eis a sua triunfal trajetória: propagandista, vereador em Campinas, ministro do governo provisório, general honorário do Exército, constituinte de 1891, chefe do Partido Republicano



Federal, membro da Comissão Diretora do Partido Republicano Paulista, senador da República.

Em 20 de maio de 1912, assim se expressava Francisco Glycério, em discurso no Senado Federal: “Envelheci; Sr. Presidente; já não tenho idéias senão muito vagas do tempo que já passou, da mocidade que dissipei, ao serviço da propaganda. Tenho

recordações desse tempo, e agora me advertem que eu devo, nos últimos momentos da minha vida, reconciliar-me com a opinião do meu país, penitenciando-me dos meus erros, erros cometidos por um excesso de confiança que o meu amor à República me levou a cometer (...)

“Eu sou liberal e liberais não de ser aqueles que não de arregimentar forças depois que as idéias amadurecerem na opinião pública.

“Então os liberais não de aparecer arregimentados para dar combate a essas pequenas bastilhas - pois que não se chamarão mais oligarquias -, a essas pequenas bastilhas onde estão enclausurados os princípios da liberdade. Não há ordem sem liberdade, não há liberdade sem o respeito às leis”.

“Plebeu humilde, que se elevou à culminância do poder”, assim o retrataram nos perfis inseridos nos noticiários da imprensa e nos discursos pronunciados na Câmara dos Deputados e no Senado, nas homenagens por ocasião da morte do velho batalhador, que então ocupava a presidência da Comissão de Finanças do Senado, como representante de São Paulo.

Filho de um major da Guarda Nacional, agricultor, remediado, como então se dizia, perdeu o pai muito cedo, entre os 14 e 15 anos, quando se preparava para ingressar no curso anexo da Faculdade de Direito. Mulato, sem disfarçar os traços da raça negra, não foi fácil a Francisco Glycério impor-se ao meio preconceituoso e hostil, onde teria de lutar pela sobrevivência, iniciando-se como tipógrafo, escrevente de cartório, professor de primeiras letras em Rio Claro, logo a seguir solicitador no foro de Campinas e arredores, à frente de um escritório de advocacia cujo êxito lhe asseguraria a ascensão social.

1 *Idéias Políticas de Francisco Glycério* - cronologia, notas bibliográficas e textos selecionados - introdução de Francisco de Assis Barbosa e José Sebastião Witter - “Coleção Ação e Pensamento da República” - Senado Federal/Fundação Casa de Rui Barbosa/MEC, Brasília/Rio de Janeiro, 1982.
2 Ver Odilon Nogueira de Matos - *Café e Ferrovias*, Coleção Monografia, 3 - Edições Aquivo do Estado, São Paulo, 1981.
3 Suas idéias ficaram expressas nos discursos parlamentares publicados na coletânea *Idéias Políticas de Francisco Glycério*, op.cit.

A República no Interior de São Paulo - O Museu Republicano “Convenção de Itu”

Raquel Glezer*

A cidade de Itu é conhecido pólo turístico pela maioria dos habitantes do Estado, “lugar em que tudo é exageradamente grande”; como divulgou por muitos anos uma popular personagem na televisão paulista. Mas, ao lado das belezas naturais e das demais atrações, nela há um “lugar de memória” muito especial, o Museu Republicano “Convenção de Itu”, extensão do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Um “lugar de memória” elaborado pelo historiador Afonso de Escragnolle Taunay, como parte das Comemorações do Centenário da Independência, relembrando o papel dos republicanos paulistas no processo que levou ao movimento da Proclamação da República. Uma história da Nação lida na ótica paulista, um memorial aos fazendeiros de café da Província de São Paulo, que influenciados pelas leituras realizadas enquanto estudantes na Academia de Direito no Largo de São Francisco, na cidade de São Paulo, passaram a propor uma nova forma de governo, republicano e federalista, em oposição ao regime monárquico, hereditário, unitário e centralizador.

A República e os movimentos republicanos receberam numerosas e contraditórias leituras historiográficas: ora foram exaltados e elogiados, ora foram criticados e denegridos. A cada momento da conjuntura política nacional, o marco da República foi lido e interpretado de maneira diferenciada, sempre correspondendo aos problemas nacionais. Há alguns museus republi-

canos na cidade do Rio de Janeiro, cada qual comemorando momentos diferenciados, como o Museu de Benjamin Constant e o Palácio do Catete, Museu da República, local em que se encena o suicídio de Getúlio Vargas...

E em Itu há um monumento, um prédio, sobrado da época em que o café era o grande produto de exportação da região, da Província e do Império, pertencente a uma família de fazendeiros do café, que foi adquirido pelo Governo do Estado para nele fazer o memorial do movimento republicano. Em todos os espaços há uma clara intervenção do ato criador do historiador: nos azulejos colocados no saguão, na sala da “Convenção”, na galeria de retratos dos convencionais, no jardim interno com suas estátuas de tipo clássico... mesmo no acervo documental nele depositado...

E neste novembro, também pensando nas comemorações da Proclamação da República, o Museu Paulista apresenta alguns aspectos do memorial paulista, o Museu Republicano “Convenção de Itu”, esperando que em sua próxima visita a Itu, além das outras atrações turísticas, você se lembre de fazer uma visita ao lugar de memória do movimento republicano paulista



Edifício do Museu Paulista da Universidade de São Paulo iluminado. Inauguração da iluminação externa a 09 de dezembro de 1999



Festa do Divino - aquarela sobre papel de Miguelzinho Dutra, 1841. 34,8 x 24,0 cm.

* Diretora do MP.